ANO XV NUM. 9

Bem-Te-Vi



Setembro de 1937

TRES ARVORES

Ha seculos e seculos atrás, quando a terra em que vivemos era bem mais ñova que agora, vivia em um morro grande e verde uma arvorezinha que, juntamente com outras, ia crescendo para o céu. Não sei de que qualidade era ela — talvez uma tataravó do pinheiro ou salgueiro do seu quintal. Foi-se tornando mais alta e grossa cada ano, porque havia muita umidade e calor quando o mundo era ainda novo. Mas certa vez um terremóto abalou as bases do morro coberto de floresta ; camadas de pedra e terra deslocaram-se e cairam sobre a arvore e suas companheiras, sepultando-as, com troncos, galhos, folhas e tudo. Muitos anos se passaram; sobrevieram outros terremótos ; o mar foi aos poucos invadindo o lugar onde se erguia o morro, tranformando-o em vasto pantanal, onde a arvore sepultada foi-se afundando cada vez mais.

Muitas mudanças se operaram com o correr dos séculos. O clima não era mais úmido e quente todo o tempo ; havia verões e invernos. O grande pantanal tinha secado. Lavradores semearam seus campos ; ergueram-se cidades e com elas a necessidade do fogo para calor e força. Os homens começaram a cavar a terra, atingindo camadas profundas, à procura do combustivel duro e preto a que chamavam carvão. Um dia a picareta de um mineiro descobriu uma camada dele, e lá na superficie escura desenhava-se distintamente a forma do tronco da arvore que vivêra no morro verde, quando a terra era ainda nova. Dias depois uma familia reunia-se ao pé da lareira, diante de chamas ardentes, enquanto a arvore, que lentamente se fôra tornando carvão nas profundezas da terra, lhe ofertava em luz o calor armazenado do sol.

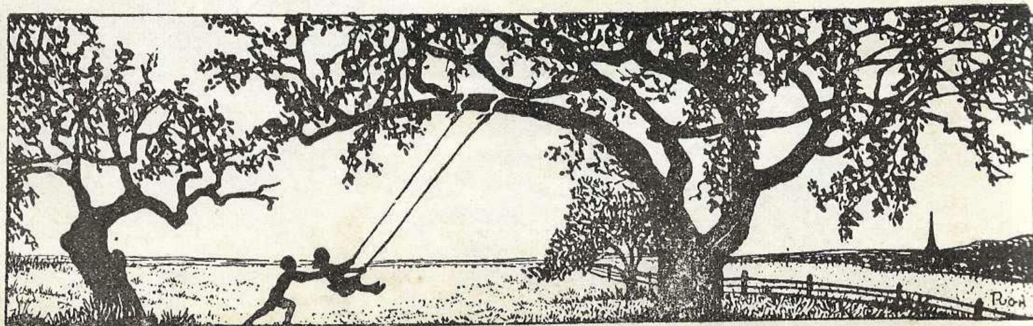
* * *

Havia uma macieira ao lado de uma casinha. Na primavera ela era um grande ramalhete de flores, visitado pelas abelhas zumbidoras, e à sua sombra crianças vinham brincar. Passarinhos construiam ninhos nos seus galhos, e os filhotes aprendiam a voar de um para outro de seus ramos vigorosos. Mais tarde, no verão, as crianças apanharam maçãs maduras daquela arvore, e a mãe fez geleia para o inverno. Quando a macieira ficou velha demais para produzir bons frutos e as crianças tinham já crescido, foi cortada. Da sua madeira um marceneiro hábil fez uma escrevaninha, sobre cuja superficie lisa e amarela muitas cartas amaveis têm sido escritas, e às vezes, tambem, uma poesia ou uma história.

* * *

Não ha muito tempo cresceu uma pequena cerejeira em um longinquo jardim japonês, tratada com carinho pelo jardineiro. Um dia, mãos hábeis retiraram-na dali com cuidado, enrolaram-na e, com muitas outras cerejeiras pequenas, ela foi levada a bordo de um navio que ia partir para os Estados Unidos da America. Era uma oferta de amizade, uma dádiva de beleza, do Japão para o povo americano. Nossa pequena cerejeira foi a primeira a ser plantada lá, e pela esposa do presidente. Se vocês forem a Washington em meados de Abril, verão as cerejeiras cobertas de florinhas côr de rosa, cada ano mais belas. A pequena cerejeira que cresceu no longinquo jardim japonês tornou-se uma parte desse poema vivo de paz.

Quão magnificas são as tuas obras, Senhor ! Todas as coisas fizeste com sabedoria ; cheia está a terra da tua possessão.



Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934

ANO XV N.º 9

REVISTA MENSAL

REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155

OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT
ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Setembro de 1937

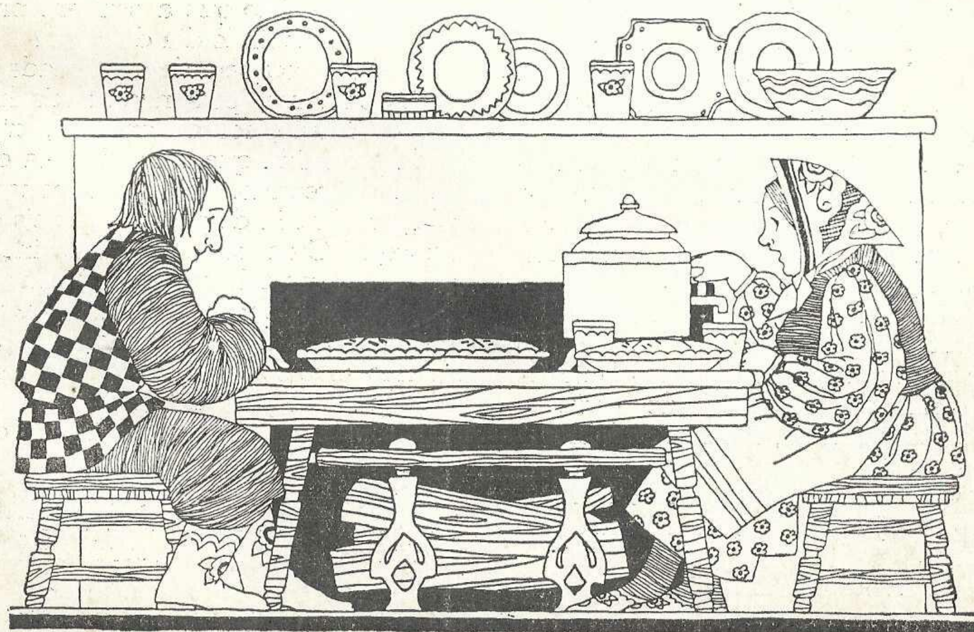
Gerente responsavel: SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE

Os Dias de Festa

Num morro íngreme, no fim de uma rua de aldeia, em longínquo país, vivia uma boa mulher chamada Marya Ivanna. Ela sempre usava um vestido verde, todo bordado de flores vistosas, de forma que quando sorria, o que fazia amiúde, lembrava um prado florido, iluminado pelo sol de primavera. Era tão boazinha que todos os meninos e meninas da aldeia lhe queriam muito bem e costumavam dansar em sua honra, batendo um contra o outro os sapatinhos engraçados, tecidos de capim.

Marya pintava bonecos o dia inteiro e pela tarde comia seu pão de centeio, ovos, tomava sopa de repolho e leite fresco de cabra, com paz de espírito. Teria continuado assim feliz se não resolvesse, num dia de chuva, fazer tres tortas de abóbora. Se não estivesse chovendo, e tão escuro, Marya pintaria os seus bonecos de madeira e barro ; se não fosse dia de festa, Marya não havia de fazer aquelas tortas ; mas é assim que acontecem as coisas neste mundo.

Bem em frente da choupana de Marya corria largo e límpido rio, cujas aguas levavam, para cima e para baixo, embarcações grandes e pequenas. As





barcas pequenas transportavam sacos de centeio, milho e aveia ; as grandes, camponêses corados como Marya Ivanna. Esta gostava de se sentar ao pé da janela e imaginar o que o rio ia levar na próxima vez.

Naquele dia o rio vestira uma capa cinzenta de névoa, como se quisesse abrigar-se das gotas da chuva. Os pinheirinhos curvavam a cabeça, torciam os galhos molhados ao vento impetuoso, e pareciam verter lágrimas, gotejando abundantemente.

No instante em que Marya acendia uma vela, para alegrar um pouco a choupana, ouviu batidas pesadas na porta da frente. Espiando fora, viu à soleira da porta um peregrino de terras distantes. Usava capa muito comprida, com capuz alto, e roupa xadrês — vermelho e verde, de brilho tão intenso que Marya teve de piscar os olhos.

— Misericordia ! Deve ser um homem muito importante, disse Marya, fazendo-o entrar.

Ela lhe deu sua melhor cadeira, o canto mais agasalhado, seu melhor sorriso, e sentou-se ao lado do homem.

— Em que posso serví-lo ? perguntou Marya.

O viandante olhou para a longa fila de pratos vazios na prateleira e não disse palavra. Olhou para o bule de chá e não disse nada. Então viu as tres tortas grandes, lambeu os lábios e disse :

— Que ventura eu ter vindo ! Agora posso ajudá-la a comer estas tres tortas !

— Com muito prazer ! exclamou alegremente a boa camponêsa.

Ela acendeu o fogo sob o samovar e fez chá ; então pôs na mesa um pão de centeio, uma tigela de sopa de repolho, bem quente, e convidou o homem a comer.

Antes de Marya cortar seu pedaço do pão, já o viandante o comera todo e antes que pudesse encher de sopa a tigela dela, ele já a despejara toda na sua, depois do que disse :

— Que ventura ter a senhora bastante pão e sopa! E é uma sorte eu poder comer tres tortas.

E, áto contínuo, o viandante entrou a devorar as tortas, pelo que nada mais restava a Marya.

Enquanto ele se enchia de pão de centeio, sopa e torta, ia contando histórias maravilhosas que a camponêsa ouvia, sentada.

Ele vira coisas extraordinárias em terras e mares, especialmente em mares, que percorrera num navio grande, com velas brancas. Havia visto flores que desabrochavam em baixo das ondas e lindas sereias que habitavam, com os peixes, profundas cavernas do oceano. Contou tantas histórias que entreteve Marya a exclamar *Ohs* e *Ahs !* de forma que ela nem provou o chá.

Depois que o viandante tinha engulido todo o pão de centeio, toda a sopa de repolho e todas as tortas que estavam sobre a mesa, ele disse :

— Foi só isso que a senhora preparou para este lindo dia de festa ?

Marya ficou bem desconcertada com essas palavras, pois nada mais havia feito. Então, foi ao armário, trouxe toda a comida que tinha e pô-la diante do peregrino. Era um pouco de mel, uma fatia de presunto e seis ovos frescos. Com isso esvaziou inteiramente as prateleiras do seu armário. O viandante comeu o mel, o presunto e os ovos com igual voracidade como se não tivesse dado cabo das tortas, da sopa e do pão de centeio. Depois se recostou na cadeira, desatou o cinto apertado e disse :

— Minha cara Marya, tenho viajado rio acima, rio abaixo, e adquirido muita sabedoria. De acordo com meus conhecimentos especiais sobre os dias de festa, a senhora deve em todos

os do ano preparar tortas em abundância, bolos, pudins e carnes, se quiser ser uma dama às direitas e agir como tal.

Marya exclamou :

— Como não ! Quero ser uma dama às direitas e observar devidamente os dias de festa. Ensine-me como.

— Dê-me o seu calendário e eu marcarei cada dia de festa com um ×, disse o viandante.

Tomando o calendário de Marya, ele o foi folheando e marcando os dias de festa com um ×. Depois, movendo o indicador carnudo, explicou :

— A senhora deve fazer tortas, pudins e bolos cada dia de festa, que de outra forma não poderá ter esse nome.

Parecendo-lhe razoavel, Marya prometeu fazer assim.

Então o viandante, mostrando-se satisfeito, agradeceu delicadamente, curvou-se o mais que pôde (pois estava entrouxado de torta) e lá se foi bufando morro abaixo, até a barca que o esperava à beira do rio. Marya deitou-se e recordou tudo que o viandante dissera.

Na manhã seguinte, enquanto ela esperava que sua galinha vermelha pusesse o ovo para o café, disse :

— Misericordia ! Que seria de mim se hoje fosse um dia de festa !

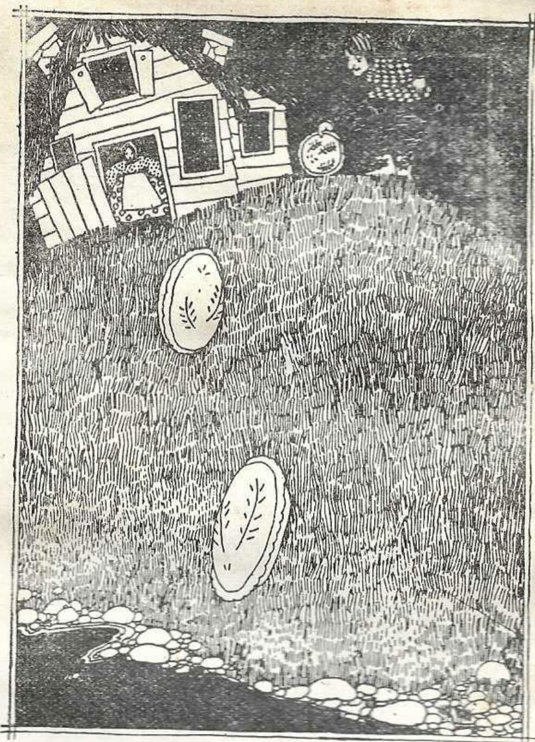
Olhou para o calendário e viu que aquele dia estava marcado com um ×.

E o dia seguinte tambem estava marcado, bem como o terceiro. Para dizer a verdade, quasi todos os dias do ano eram de festa, porque o viandante tinha marcado bem claramente.

Marya queria ser uma dama às direitas e observar devidamente os dias de festa, mas disse :

— Ora veja ! Quem haveria de imaginar que houvesse tantos dias de festa num ano tão pequeno ?

Contudo, certa de que o viandante era um verdadeiro sábio, ela aqueceu seu forno grande de tijolos e começou a assar. Fez bolinhos de trigo mourisco e linguiça enrolada em folhas de repolho, cozidas dentro de uma caçarola. Então, vestiu sua melhor roupa e comeu tudo, até as migalhas, porque o viandante havia dito que uma dama



às direitas nunca deixa resto algum nos pratos, especialmente em dias de festa.

Depois de lavar os pratos e esfregar as caçarolas até poder ver o rosto no fundo delas, Marya retomou o seu serviço de pintar bonecos. Tingiu de vermelho suas faces, de azul os olhos. Mas tinha gasto tanto tempo cozinhando e tanto tempo comendo que só conseguiu pintar cinco bonecos até a hora de acender a luz e ir para a cama.

— Ai, ai de mim ; isso não serve ! Hoje só pintei metade do que de costume, disse Marya.

O próximo dia e o outro que se seguiu eram tambem de festa e ela teve de misturar, cozinhar e assar o dia todo. Depois, vestiu as melhores roupas, comeu de tudo, e por tal forma se encheu de torta, bolo e pudim que não pôde pintar um só boneco. Ficou sentada na sua cadeira, a gemer :

— Ai, como estou cheia de pudim !

Então dormiu e roncou alto até a hora de acender a vela e ir para a cama.

Marya pôs o calendário aos pés de sua cama de madeira, para examiná-lo todas as manhãs, antes de se levantar. Ela preparou e cozinhou quitutes de festa cada dia do ano que o viandante

marcou com um x. E havia tantos deles marcados assim que não lhe sobrava tempo para trabalhar. Vivia preparando quitutes, comendo quitutes e ia gemendo para a cama. Nem pintava mais os bonecos, tão cansada andava, a digerir tortas, bolos, pudins e assados.

Marya agora era uma mulher infeliz. Um dia, ela olhou para o calendário e disse:

— Palavra de honra que preferia não saber de um dia de festa na minha vida! Só assim comeria simplesmente pão de centeio, ovos frescos, e beberia o leite de minha cabra. Sentir-me-ia leve e feliz. Antigamente eu tinha disposição de espírito e de corpo. Como posso sentir-me bem por dentro e por fora, se estou abarrotada com quitutes?

Era difícil resolver aquele problema e ela ficou desencorajada. Com um rosto comprido, Marya fez tres tortas rechonchudas e lamentou:

— Se alguem não me ajudar a comer estas tres tortas, eu morro de tortas, o que será bem triste sina.

E Marya se pôs a chorar, pensando na sua sorte.

De repente, quasi pulou da cadeira, ao ouvir umas batidas fortes na porta da frente. Ao abrí-la, sabe quem viu?

O viandante estava alí, de roupa xadrês-vermelho e verde, bordão com cabo de cobra, capuz alto e tudo. Despendia tal brilho que Marya piscou varias vezes. Ela ficou encantada, pensando: "Agora não vou ter de comer aquelas tres tortas rechonchudas".

O viandante sentou-se e suspirou profundamente. Olhou para a fila de pratos vazios e não disse palavra. Olhou para o bule de chá e não disse nada. Então viu as tres tortas.

— Bravo! exclamou. Que ventura eu ter aprendido que não se deve comer tortas demais!

Marya arregalou os olhos e deixou cair a boca, de tanta admiração.

— E ninguem deve comer tanto bolo, prosseguiu o viandante, nem tão pouco pudins, assados e molhos.

E assim foi enumerando tudo que se come em dias de festa com os dedos carnudos.

— Que sabedoria nova é esta? perguntou Marya.

O viandante deu um suspiro profundo e disse:

— São conhecimentos que adquiri do meu estômago. Cada vez que me hospedava numa casa e me enchia de quitutes, meu estômago dizia muito claramente: "Você me dá um serviço por demais pesado. Não sabe que é trabalho penoso digerir banquetes?" Eu mandava meu estômago tratar da sua vida e continuava a aportar nas casas e banquetear-me.

Marya ficou tão contente que exclamou:

— Quão feliz me sinto por ouvir esta sabedoria! Se eu tivesse comido mais uma torta, teria morrido de tortas, o que é bem triste fim para qualquer mulher idosa. Vamos comer uma fatia de pão, um omelete, beber um pouco de leite e ficar outra vez bem dispostos.

Eles se puseram à mesa e tomaram uma refeição leve que assentou bem no estômago. Depois ficaram esquentando os pés ao fogo, enquanto o viandante contava histórias tão emocionantes que a própria vela se apagou de tanto tremer. Então eles tiveram de se despedir.

— Mas o que devo fazer com as tres tortas? perguntou Marya.

— Veja só o que eu faço com elas, respondeu o viandante.

E enquanto Marya espiava à porta, o viandante subiu ao alto do morro, enfileirou na beirada as tres tortas e rolou uma por uma. Elas cairam no grande rio Volga, que as enguliu inteirinhas, sem engasgar.

— E' isto que se deve fazer com tortas, bolos e pudins! disse o viandante.

Acenando-lhe adeus, Marya gritou para êle:

— Nunca mais nós vamos comer com exagero em dias de festa!

E assim foi mesmo. Todas as noites de sábado o viandante parava em casa de Marya e contava-lhe histórias do mar; mas eles só tomavam uma refeiçãozinha simples — o suficiente, mas nada mais — mesmo nos dias de festa como Natal e Ano Bom. E desde aí viveram bem felizes.

A Sorte de um Rouxinol

No princípio êle não era mais que um punhado de penas e um bico rosado. Ninguem poderia crer que um dia aqueles pipilos insistentes por comida se transformariam em cânticos de maravilhar o mundo. Pois isso aconteceu.

O nosso filhote de rouxinol vivia no seu ninho, numa mimosa florida, na Espanha. Mas um belo dia, lá se veiu êle abaixo para o chão.

O susto foi tamanho que nem pôde dar um gritinho. Imaginem o seu desespêro quando a mão de um homem o ergue e coloca dentro de uma gaiola!

Depois uma bondosa senhora entrou na casa do homem, deu-lhe dinheiro e levou a gaiola para o seu quarto. O filhote de rouxinol estava aflito pela sua sorte. Que saudades tinha do ninho na mimosa florida e de sua mamãe!

Mas a mãe do rouxinol encontrou o filhote. A senhora tinha posto a gaiola no parapeito da janela do quarto e desde o primeiro dia a mamãe do rouxinol viera dar-lhe de comer através dos arames.

Na manhã seguinte a porta da gaiola foi aberta e quando o filhote começou a chamar pela mãe, ela logo apareceu, entrou na gaiola e deu-lhe uma boa refeição.

Depois, inclinando a cabecinha de lado, ela começou a falar com o filhote. Falou, falou e repetiu muitas vezes o que êle tinha de fazer.

O rouxinolzinho escutava. Mal podia crer no que ouvia. Sua mãe estava dizendo para êle trepar nas suas costas e agarrar-se bem nas penas com as pequeninas garras.

Então ela se chegou bem perto do filhote. O rouxinol, que sempre fazia como a mãe mandava, trepou nas suas costas, onde se firmou bem nas penas.



Lá se foi ela voando com a preciosa carga sobre o telhado. De repente o rouxinolzinho caiu. Era dificil ficar ali agarrado e êle não estava acostumado a tal.

Mas a mãe chilrou e explicou outra vez como êle precisava fazer. O filhote tornou a trepar e então se aguentou ali o dobro do tempo. Mas depois tornou a cair no telhado.

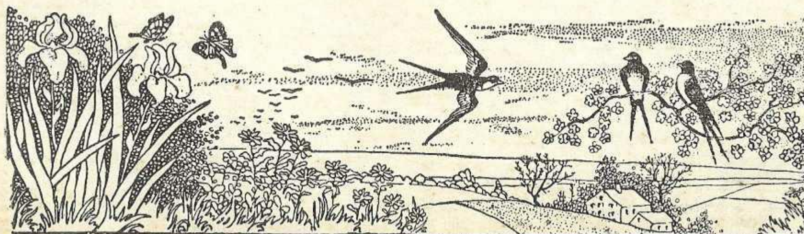
Então recomeçaram as lições com coragem.

Por fim o pequeno rouxinol foi parar no muro alto que ficava perto da mimosa.

Chegando ali a mãe deu-lhe de comer e à noite cantou lindamente para êle. Durante tres dias o filhote ficou sobre o muro. No quarto dia, de manhã cedo, a mãe pôs-se-lhe ao lado novamente. O filhote pensou que era para trepar nas suas costas e ficou contente porque estava gostando de passear assim.

Mas a mãe não mandou nada disso. Só falou para o filhote abrir bem as asinhas, tal como sua mamãe, e voando descer o muro.

O rouxinolzinho obedeceu. Aproveitou uma viração que vinha do mar e bateu as asas, indo pousar direitinho na mimosa. Foi delicioso. Valia a pena fazer o que a mamãe mandava.



O IPEZINHO

Lucí ia indo muito alegre para a escola, depois do almoço. Era Dia da Na ureza, e cada menino e menina da classe de D. Tereza ia receber uma arvorezinha verdadeira, um ipê amarelo.

Eles tinham vindo dos campos do major Plácido, onde havia dêles às dezenas.

— Vou dar um para cada aluno no Dia da Natureza, se eles prometerem plantá-los e cuidar dêles, dissera o jovial major a D. Tereza.

A professora lhe garantira que os alunos fariam isso. Então o major dera ordem para as arvorezinhas serem levadas para a escola e lá estavam elas em um canto do quintal. O bom major e seu jardineiro tinham enrolado as raizes de cada ipê em panos de estopa, para sua proteção. E agora só faltava serem plantados.

As crianças estavam todas no quintal a admirá-los, cada uma contando o que ia fazer com o seu ipê.

—Nós vamos plantar os nossos, um de cada lado da porta de casa, disseram Orlando e Olga, dois irmãos gemeos.

— O meu, vou plantar atrás da casa, perto do poço velho, Rafael disse.



— E eu vou plantar o meu ao lado do meu jardinzinho, disse Adelita.

Lucí achou esplendidos todos aqueles planos, mas o seu era melhor. Ela estava ansiosa por ganhar a sua arvorezinha, e qualquer uma servia, porque todas estavam viçosas e bonitas.

Logo D. Tereza apareceu e chamou todos os alunos. Ela os avisára de que não teriam mais aulas naquele dia, mas um programa comemorativo do Dia da Natureza, no quintal. Um ipê grande ia ser plantado no meio do recreio e todos iam assistir ao áto.

Primeiro Odilon Martins recitou "*A arvore*". Depois Mira Guedes leu a composição que fizéra sobre esse assunto. As crianças rodearam D. Tereza, quando chegou a hora de serem distribuidos os ipês.

— Agora cada um vai receber seu ipê, disse ela, graças ao major Plácido, que nos forneceu uns, lindos.

Os meninos e meninas apertaram o cerco em volta de D. Tereza, que ia fazendo a distruibuição. Orlando e Olga tiveram bastante cuidado em escolher dois ipês da mesma altura. Odilon escolheu uma arvore entroncada e baixa, e Mira pediu uma alta e fina. Por fim D. Tereza ergueu um ipêzinho minúsculo que tinha vindo entre os outros. O major Plácido tinha deixado passar aquele, sem proteger suas raizes.

— E' melhor jogarmos este fóra, porque é pequeno demais, disse D. Tereza.

Lucí olhou a arvorezinha que tinha sido posta de lado. Teve pena dela, porque não ia ser plantada, e notou que tinha raiz bem forte.

— D. Tereza, posso levar esta, menor ? Eu quero mesmo uma bem pequenina, ela disse à professora.

D. Tereza surpreendeu-se, mas atendeu ao pedido da menina.

As crianças foram para suas casas levando as arvores. Mas Lucí não pretendia plantar na sua propria casa a que recebera, pois lá havia figueiras

copadas e o seu ipezinho ficaria abafado entre elas. Lucí sabia que uma arvore precisa receber luz e calor.

Lucí levou o ipê para o sobradinho de D. Sinhana, a adoravel avòzinha, que passava o dia inteiro sentada numa cadeira grande, perto da janela. A vista dalí não tinha muita graça porque o sobrado era novo, com um jardinzinho só em começo. A filha de D. Sinhana tinha plantado uma fileira de ervilhas cheirosas ao longo da cerca da frente. D. Sinhana gostava muito de ervilhas cheirosas, pois elas tinham lindas côres, mas tambem estava querendo muito umas arvores.

— Eu gostaria tanto de ter uma arvorezinha aí fóra, perto da minha janela, D. Sinhana dissera certa vez.

Porisso Lucí logo que soube do presente do major Plácido, eve uma idéia esplendida. Ela sabia que D. Sinhana iria gostar muito de um ipê.

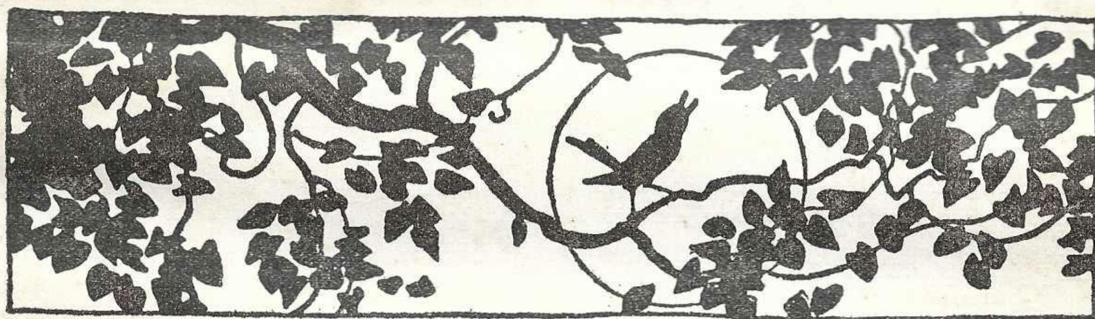
Lucí levou-lhe o ipêzinho e contou-lhe como tinha sido deixado de lado por ser muito pequeno e como ela o pedira à professora.

— Mas talvez a senhora prefira outro maior, D. Sinhana, ela disse, duvidosa. Nesse caso, posso consegui-lo.

— Não, eu quero este mesmo, tão lindinho, Lucí. Vai ser um prazer vê-lo ir crescendo, declarou D. Sinhana. E creio que vai ficar alto, tambem, porque as coisas plantadas com carinho sempre crescem fortes.

— E' mesmo, concordou Lucí, pensativa. Ainda bem que a senhora gostou dêle. Tenho certeza de que vai ficar uma beleza.

Parecia que D. Sinhana tinha acertado. Lucí plantou a arvore debaixo da janela, cuidou dela e regou-a sempre. No ano seguinte estava alta e viçosa, para alegria de D. Sinhana e de Lucí.



As Velhas Arvores

Olha estas velhas árvores, — mais belas
do que as árvores môças, mais amigas,
tanto mais belas quanto mais antigas,
vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto à sombra delas
vivem livres de fomes e fadigas ;
e em seus galhos abrigam-se as cantigas
e a alegria das aves tagarelas...

Não choremos jàmais a mocidade !
Envelheçamos rindo ! envelheçamos
como as árvores fortes envelhecem,

na glória da alegria e da bondade,
agasalhando os passaros nos ramos,
dando sombra e consôlo aos que padecem !

Olavo Bilac.



CONFISSÃO DE UM PAI

Quando meu filho nasceu eu era um jovem de vinte e cinco anos, de temperamento instavel, imperioso, de puritana rigidês. Era nervoso, precipitado e convencional nas minhas opiniões. Estava profundamente persuadido, por tradição de minha propria infancia, de que meu filho devia ser ensinado a prestar pronta e incondicional obediencia *porque eu mandei assim*. Tinha a tendencia de cair como um furacão sobre uma criança, e fil-o por vezes.

Um meu amigo, homem de quarenta anos, casara-se na mesma época em que eu. Seu filho tinha a mesma idade do meu. Nós trocávamos idéias sobre êles, naturalmente.

— Eu não vou fazer o papel de pai austero com meu filho, dizia-me o amigo. Vou darlhe rédeas. Já treinei e domei muitos poltros até o dia de hoje e na minha opinião os métodos que dão resultados com o poltro devem servir para um menino. O principal é ter paciencia, bom-humor, delicada persistencia, e ir devagar.

— Eu vou ensinar meu a filho a obedecer, declarei.

— Há varios modos de fazê-lo, êle replicou tranquilamente. A diferença capital entre você e mim, acrescentou, é que tenho quarenta e você só vinte e cinco anos. Vá aos poucos com êle.

Não posso dizer que procedi como tal, mas posso afirmar que quando meu filho estava em plena adolescencia eu começava a desenvolver certa maturidade que me habilitava a oferecer-lhe então, até certo pronto, os beneficios de uma mudança um tanto radical que se operou em mim quanto ao senso de valores.

Mas o que estava feito não tinha mais salvação. E tenho agora a confessar que um dos resultados deploráveis daqueles primeiros erros foi nunca conseguir eu a aproximação que devia ter tido com o meu filho, durante a sua adolescencia, graças a uma certa reserva subjetiva e receio para comigo, que eu mesmo implantara no seu espirito, aos quais nunca qualquer de nós dois, nem com a melhor vontade deste mundo, póde agora vencer inteiramente. Nossas relações atuais são estreitas e de sincera amizade, mas creio que podiam ainda ser mais que isso.

Afortunadamente, como bem o vejo agora, êle foi para um bom internato aos treze anos. O colegio era próximo de nossa casa o bastante para que o vissemos de vez em vez, no decorrer do ano letivo, o que evitava que perdessemos o contacto com êle. O efeito dessa separação parcial foi aliviar as tensões, os atritos e as exasperações que por vezes se manifestavam entre nós dois em virtude de minha falta de paciencia. Quando de suas estadias em casa, crescia a nossa congenialidade. Creio que a temporada de internato foi benéfica para ambos — pai e filho.

A par da lição que aprendi com o perito em criação de poltros, acima mencionado, adquiri outros conhecimentos de certo homem que, como chefe de uma grande organização, tem de se haver com muita gente. Ele é perito na matéria. O segredo de seu sucesso é que tem de dominar-se e respeitar o intelecto alheio.

Um dia êle estava em companhia de seu filho de quatro anos, em minha presença. Procurava dissuadir o menor a fazer alguma coisa. Impressionou-me sobremaneira o modo como o fazia. Ele falava com singeleza, mas como se o menino fosse outro adulto. E quando as razões que aduzia não calhavam, o pai só as ia repetindo até o pequeno entender. Assim que a criança percebia a razão de não fazer aquilo que queria, deixava de insistir. Fazia isso com uma notavel naturalidade. Não se tratava de obediencia. Era só questão de ser razoavel e compreender o alcance do ato que queria praticar e que não podia medir devidamente.

Meu filho era bem mais velho que aquele menino, mas longe estava eu de respeitar o intelecto dele como aquele homem ao do seu, de quatro anos. Gostaria de poder dizer que fui direito para casa e agi de idêntica forma ; mas não se pode acrescentar um cúbito a sua

estatura com o méro pensamento. Transformações desse gênero operam-se pelo esforço e disciplina. Contudo, a coisa produziu algum resultado. Eu tinha tido sempre a bela teoria de que aquele era o processo acertado ; mas via-o agora em plena aplicação, pelas mãos de um perito no tratar com homens. Especialmente, enquanto meu filho entrava na adolescencia, tentei pôr em prática essa lição. Sem dúvida que agora era muito mais fácil de que quando êle era pequeno. Mas desejaria ter começado mais cedo, ainda que posso ver porque não o fiz: a impaciencia e exasperação que muitos páis frequentemente sentem para com os filhos advêm de enfrentarem a incapacidade por alcançar as suas mentes — em geral porque são muito novos. Isso é um grande erro — estão menosprezando a mente infantil, interpretando por limites intelectuais o que nada mais senão falta de experiencia em apreciação de valores por parte deles.

Parece evidente que a cura da impaciencia no trato com crianças e, semelhantemente, com adolescentes, vem de se ter fé implícita no intelécto infantil. Fornecei à criança os dados de que ela necessita e então confiai na sua mente. Se suas reações emociònais foram conservadas normais pelo fato de ser amada, ela entrará nos eixos com facilidade.

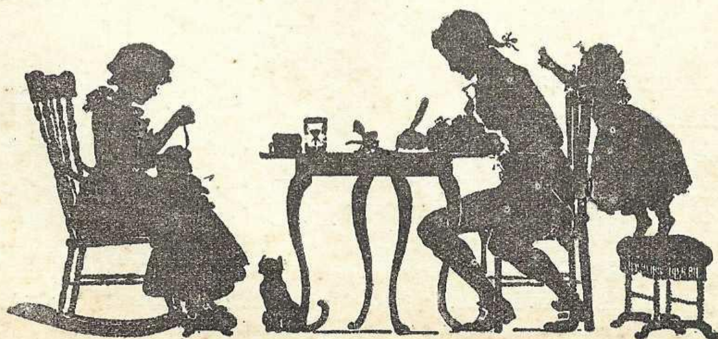
Naturalmente, se isso é uma verdade com respeito à criança, muito mais o será em se tratando de adolescentes. Há quem sustente não ser necessário ou desejavel que o adolescente compreenda porque faz isso ou aquilo — que é suficiente mostrar-lhe simpatia, paciencia, considerando que "atravessa um periodo dificil" — porém que não se lhe deve favorecer uma mais profunda auto-introspecção. Se meu filho estivesse entrando agora na adolescencia eu o informaria acerca da natureza das transformações fisicas e processos químicos do corpo, que lhe produziam perturbação de mente e incerteza de conduta.

Dar a rapazes e moças informação verdadeira sobre a adolescencia representa bem mais de que educação sexual. Na adolescencia dá-se mais que o despertar do sexo. O corpo, a mente, a personalidade, a vida emocional — tudo isso fica envolvido. Com generalidades não se enfrenta a situação convenientemente.

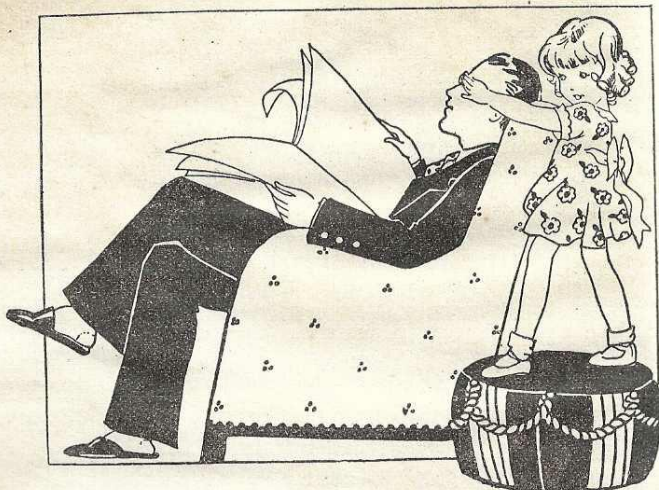
Cometí muitos outros erros na educação de meu filho. Agiria diversamente agora. Respeitaria mais o seu intelecto quando era pequenino ; em todas as tentativas por controlar e guiar a sua conduta, apelaria mais e desde o começo para o seu raciocinio. Poria de lado qualquer interpretação tradicional sobre obediencia aos pais. Procuraria treiná-lo a enfrentar seus problemas dum modo rigorosamente racional e científico, desde os seus mais tenros anos, e ensiní-lo-ia a respeitar os fatos e dar-lhes a verdadeira interpretação.

Conforme minha convicção, é impossivel frisar demais o fato de que a maior necessidade da criança é sentir-se amada, especialmente durante a adolescencia. Enquanto se sente segura no amor que a cerca, as imperfeições e instabilidades de temperamento dos seus páis pouco mais farão que demonstrar-lhe aquilo que virá a saber cedo ou tarde, isto é, que os páis, como ela mesma, têm capacidades limitadas e não guiam com absoluta segurança ; que o melhor partido para ela é aproveitar a sabedoria que porventura mostrem e então ir fazendo o que pensa ser direito.

Pelas razões expostas verifico com prazer que meu filho aproveitou com as minhas imperfeições e virtudes ; e que observando seu pai lucrou em muitos pontos nos quais não se me assemelha nem me aceita por modelo. Quanto a mim, folgo com isso.



Como foi que o papai adivinhou ?



Chovia a cântaros quando o papai chegou em casa.

— Que noite boa para se estar em casa, comentou ele quando beijou a mamãe. Onde está Glorinha ?

— Não tenho idéia, a mamãe respondeu, mas piscou os olhos quando disse isso.

— Bem, bem, disse o papai engrossando a voz, espero que ela não esteja lá fóra, na tempestade. Se cair na enxurrada, só poderemos encontrá-la de novo quando o sol tiver secado tudo.

O papai afundou-se na poltrona grande e começou a ler seu jornal, enquanto a mamãe foi tirar o jantar.

Mas papai não tinha lido ainda os titulos grandes dos artigos da primeira pagina, quando sentiu um par de mãos sobre os seus olhos. Precisava ad vinhar quem era o dono delas.

— E' a princesa Branca de Neve ? perguntou o papai.

— Não, eu nunca fui guardada por anões num caixãozinho leve.

— Quem sabe se é a dama dos pés pequenos, a Gata Borralheira ? papai arriscou outra vez.

— Meus pés são pequenos, mas eu não gasto os sapatinhos dansando a noite inteira.

— Seus pèzinhos são pequenos ? Já sei ! E' o Pequeno Polegar!

Papai ouviu uma risadinha abafada.

— Errou outra vez ! Não tenho tido irmãos para acordar e nunca um gigante me quis papar !

— Quem sabe se é o Narizinho Arrebitado ?

—Está errado, eu não conheço nenhum reino encantado.

— Então será Chapeuzinho Vermelho, que entrou na flores a e conversou com o Snr. Lobo, sòz nha ?

— Não senhor; mamãe me acompanha sempre que vou levar frutas e mel à vovòzinha.

— Talvez seja o Gato de Botas, que percorr a em um d a o mundo inteiro ?

— Não, não e não; não enganei nenhum feit ce ro.

— E' o Joãozinho que se perdeu na floresta e fo parar na casa feita de doce, de uma bruxa ?

— O que, papai? Ele era *menino !*

— Oh, já sei agora ! gritou o papai. E' a Glorinha.

E era mesmo, sem duvida.

Como pensam vocês que o papai adivinhou ?

Os Tres Esquilinhos

I

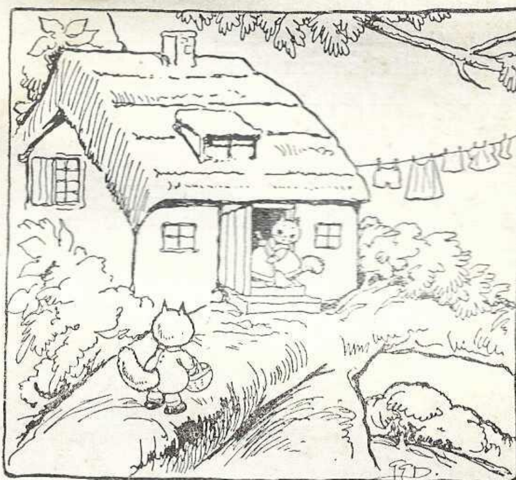
"Vamos ver quem é capaz",
Disse o papai, "de trepar
Ao alto desta nogueira".
Garoto, que é um rapaz
Que passa a vida a falar
O que sabe (tudo asneira !),
Responde logo : "Vou eu !
Aventuras é comigo !"
Vão ver logo no que deu
A prosa de nosso amigo.

II

Subiu depressa, é verdade,
Mas o equilibrio perdendo...
Vejam a cara que fez !
Seria uma crueldade



Rir do coitado. Estão vendo
O pranto em que se desfez ?
Para salvar o filhinho
Acóde o papai, nervoso,
E abaixo trás, com carinho,
O menino presunçoso.



III

Cauda-Grossa tem cuidado
Com os páis, e como sabe
Que estão cansados da lida,
Disse : "Quero ir ao mercado :
E' trabalho que me cabe,
Pois entendo de comida".
A mãe ficou satisfeita
Com as compras do filhinho ;
Vamos ver se desta feita
Vai repousar um pouquinho.

Inês e seu Jardim

No princípio da primavera, Inês, que já estava no primeiro ano, veiu da escola com varios pacotes de sementes. Com isso gastára todo o dinheiro de seu cofre. Ela espalhou os pacotinhos sobre a mesa para que toda a familia pudesse vê-los.

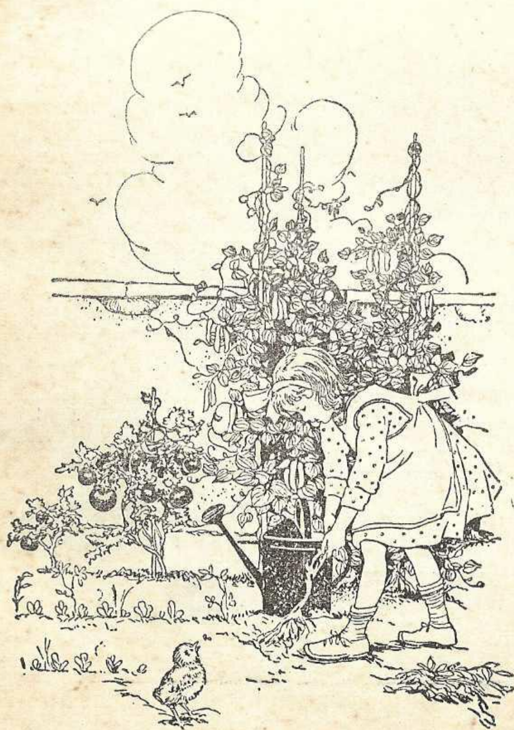
— Estou quasi sentindo o gosto das verduras fresquinhas, disse o pai.

— Estou quasi sentindo o perfume das flores, acrescentou a mãe.

— Amanhã é sabado; porisso vou ter tempo para cavar o jardim e ajudá-la a plantar as sementes, disse Osvaldo, o irmão grande.

Na manhã seguinte Inês levantou-se cedinho. Estava ansiosa por que chegasse a hora de plantar as sementes. Osvaldo cavou o jardim e deixou-o prontinho. Então fez pequenos sulcos e neles Inês deitou as sementes, com todo cuidado.

Ele cobriu as sementes com terra. Os vegetais foram plantados ao centro do canteiro, as flôres altas ao fundo e as menores na frente. Osvaldo ajudou a irmã a margear o canteiro todo de flores. Então, quando não chovia, Inês regava-o com seu lindo regador vermelho.



Um dia entrou correndo em casa e gritou:

— Osvaldo, aconteceu uma coisa! Venha vêr. Rachou-se a terra!

Osvaldo achou graça, mas correu para vêr o canteiro. Encontrou uma longa fenda onde as sementes tinham sido plantadas.

— Os rabanetes fizeram uma fenda. Eles vão sair logo.

E os rabanetes apareceram depressa mesmo. Inês ia espiar todo dia se encontrava algum no ponto de ser arrancado. E como se sentiu orgulhosa a primeira vez em que a familia teve rabanetes do seu jardim para o almoço!

—Nunca provei rabanetes tão gostosos, mamãe disse.

— Hoje o Snr. Eugenio completa setenta anos, lembrou o papai.

— Então vou levar-lhe alguns rabanetes como presente de aniversario, resolveu a menina.

Os olhos do Snr. Eugenio brilharam quando ele viu os rabanetes.

— Nu ca colhi rabanetes assim grandes quando era menino, Inês. Foi muita amabilidade sua ter-se lembrado de mim.

Inês ficou toda orgulhosa.

Com o tempo os outros vegetais e flores surgiram tambem. Os passarinhos gostavam de pousar nos girasóis, ao fundo do canteiro. A's vezes o vento balouçava essas flores, embalando as avezitas com canção suave.

Um dia Inês ouviu a vizinha dizendo a sua mãe:

— Não consigo que meu filhinho coma cenouras. Mas as que se encontram na feira agora são todas grandes, com gosto forte.

A menina correu para o seu canteiro, arrancou umas cenourinhas e levou-as para a vizinha.

— Estas são novinhas. Acabei de tirá-las do meu jardim.

— Muito agradecida, Inês; vou cozinhá-las agora mesmo.

No dia seguinte a vizinha lhe disse :

— Meu filhinho gostou tanto das cenouras, Inês! Comeu todas com prazer.

Um dia Inês apanhou algumas das suas mais lindas flores e levou-as para D. Olivia, que estava presa em casa por ter torcido um pé.

— Que beleza, Inês ! Estas flores vão-me deixar tão alegre que o meu pé vai sarar mais depressa.

D. Olivia trocou a agua do vaso e cortou as hastes das flores cada dia ; porisso elas duraram todo o tempo em que ficou em casa.

Fru-Fru, o gato amarelo que morava numa casa da mesma rua, vinha todo dia ao jardim de Inês, porque ela plantára uma herva que os gatos comem porque lhes faz bem. Ele só pisava no lugar onde havia a herva e não estragava nenhuma outra planta.

Durante o verão Inês deu aos outros as flores e verduras do seu jardim. Ela ficou triste quando sobreveiu a primeira geada, que estragou as plantinhas.

— Lá se foram as minhas lindas flores ! Mas eu alegrei com elas uma porção de gente, a menina disse.

Dos girasóis restavam só sementes, que os passarinhos jantaram com gosto. E as últimas coisas que Inês colheu antes de o inverno entrar forte foram algumas cebolas e abobrinhas.

— Podemos guardar as cebolas, que não se estragam, disse Inês; mas ha tantas abobrinhas que nós não podemos dar conta. Queria dá-las para uma familia pobre.

— Pode dar para D. Chiquinha e os seus seis filhos, disse Osvaldo.

E enquanto Inês vestia o casaquinho e punha o chapéu, ele lhe disse :

— Maninha, nós podemos bem chamar o seu jardim *um jardim para amigos*, e são estes os de mais valor.

SAPITO

Sentado à beira de uma lagôa, numa manhã linda, Sapito reparou que estava precisando de roupa nova. E era mesmo — a velha estava ficando muito pequena e tão apertada que Sapito mal podia respirar. E' que ele tinha crescido como qualquer criança e estava perdendo a roupa.

Mas a natureza já tinha aprontado tudo para remediar a coisa. Sapito sentou-se e ficou muito quieto, com a cabeça pendida. Então aconteceu uma coisa extraordinaria :

"Trr-réc-trr-réc-trr-réc !" Era a roupa velha que se rasgava nas costas,



de alto a baixo, como cortada por tesoura. Sapito espreguiçou-se.

"Trr-réc-trr-réc !" Era um rasgo grande no peito, de lado a lado.

Depois disso foi fácil Sapito sair fora da roupa velha. Era uma peça só, feita de pele escura e fina, que ele pôs de lado. Até a pele dos seus pés e mãos saiu inteirinha, com a forma dos dedos, como se fossem luvas.

Mas o extraordinario era que em baixo da roupa velha estava outra, novinha. Tinha ainda um pouco de umidade, mas Sapito achava que lhe assentava a primor. Ele curvou-se e ficou olhando no espelho da lagôa, enquanto o sol secava seu terninho novo de primavera.

Mas sabe o que Sapito fez com a sua roupa velha ? Ele comeu-a !

Em alguns bocados ela já estava engulida. Então Sapito piscou os olhos brilhantes e sentou-se de um pulo. Olhou em volta e começou a cantar.

Sapito estava tão alegre porque o dia era lindo e porque estava de roupa nova!

LAEL, PIM E POM

Eram uma vez dois duendes e uma fadinha que moravam na linda floresta Magiflóra. Chamava-se Magiflóra por causa de tantas coisas mágicas que aconteciam por lá A fadinha chamava-se Lael. Mas que nomes tinham aqueles duendes — Pim e Pom! Foram batizados, mesmo, por Pincarnon e Pompilôr, como os avós, mas quando Lael começou a falar não acertava com esses nomes grandes e dizia só Pim e Pom. E pegaram os apelidos.

Os tres moravam numa caixa de bonbons, muito limpa e jeitosa, que um vento brincalhão inha enganchado forte entre dois galhos de uma perobeira de Magiflóra. Éles cobriram a casita com cascas de jaboticabeiras e fixaram em volta um alpendre feito de vergônteas delicadas, de forma que tinha mesmo um ar rústico. Na sala de jantar, um cogumelo grande servia de mesa e guarda-sóis de sapo, de cadeiras. Lael tecia de fios de seda cobertas brilhantes para as camas, que eram do mais macio musgo.

Certa manhã em que Pim e Pom tinham voado longe para ajuntar morangos para o almoço, e Lael estava no alpendre tomando sol, reparou numa coisa curiosa. Num galho acima dela pendia estranho objeto de seda. Os tres irmãozinhos já tinham reparado naquilo, mas não podiam imaginar o que seria. Ainda que nenhuma brisa soprasse, nesse dia o misterioso embrulho tremia todo, como se alguma criatura quisesse escapar-se de dentro. Lael voou para uma arvore mais perto e então viu um buraco pequeno numa das pontas daquilo que nada mais era que um casulo. Aos poucos um par de antenas insinuou-se para fóra e então a cabeça, asas contraidas e úmidas, e por fim o corpo alongado. Lael espiava, admirada. A mariposa arrastou-se até um lugar ensolado e lá as asas foram-se secando e abrindo, até ficarem de largura igual à altura da fadinha. Enquanto ela abanava as magnificas asas cinzentas e vermelhas, Lael aproximou-se e disse :

— Que vermelho tão lindo, o de suas asas, D. Maripôsa! Do tom mesmo das penas da arara. Se lhe agrada, vou batizá-la com esse nome. Não está com fome? Acabou de nascer e decerto ainda não achou nada para comer.

Sem esperar por resposta, Lael esvoaçou dizendo :

— Vou trazer-lhe alguma coisa.



Então Lael descobriu um lirio do vale apenas entreaberto, que tremeluzia de gotas de orvalho. Colheu-o e, levando-o com cuidado para não derramar o orvalho, colocou-o ao lado de Arara. Nesse instante avistou os irmãos que vinham carregando uma folha de parreira cheia de morangos maduros, vermelhinhos.

— Ponham a cesta no alpendre, meninos, e venham cá! gritou-lhes Lael.

Logo que eles chegaram, a fadinha disse com policês :

— Arara, quero apresentar-lhe meus irmãos, Pim e Pom.

Como resposta, Arara me-

xeu as antenas e as asas mais depressa.

— Nós viremos visitá-la mais tarde, quando não estiver tão cansada, tornou Lael. Tambem, não foi brincadeira sair daquela sua casa !

Depois segredou :

— Venham, meninos.

Mas Pom até se esqueceu de voar, tão extasiado estava, vendo Arara esticar a lingua comprida e encaracolada, que meteu dentro do lirio, bebendo um trago de orvalho.

— Ainda bem que a nossa lingua não é desse tamanho, não é mesmo ? comentou Pim, rindo. E por falar nisso, ainda não almoçamos e eu estou morrendo de fome. Vamos aos morangos !

Toda a tarde Arara recebeu visitas de seus tres amiguinhos. A' tarde estes repararam que ela esvoaçava em volta do casulo.

— Eu tenho medo que ela vôe embora e nunca mais volte, lamentou Lael. Que *havemos* de fazer para ela ficar conosco sempre ?

Pim e Pom ficaram atrapalhados. De repente Pom começou a dansar em volta da sala, gritando :

— Já sei ! Já sei ! Vamos voar com ela e assim podemos mostrar-lhe o caminho de volta.

— Mas eu vou ficar cansada se vocês derem de voar muito longe, objetou Lael.

— Não, você não ficará. Vou fazer um arreio de teia de aranha para Arara. Você montará nas costas dela e a guiará. Agora, vá com Pim vigiá-la enquanto eu faço o arreio, replicou Pom.

Minutos depois Pom estava arreando Arara com muito cuidado. Feito isso, Lael sentou-se confortavelmente nas costas da maripôsa, de um vermelho e cinza aveludado, e esta ergueu-se devagar sobre as arvores. Pim e Pom voaram tambem, um de cada lado.

A lua estava cheia ; a noite, clara e quente. Lá se foram eles, até que adejavam sobre as luzes da cidade. Arara descansou numa arvore, perto de um poste de luz.

— Que será que ela tem ? disse Lael. Está tremendo toda. E' melhor eu apear.

Mas nesse instante Arara voou direito para a luz. Lael puxou as redeas com todas as suas forças.

— Arara ! Arara ! Não vá lá que você queima as asas lindas ! Não quero que vá ! Volte, volte, por favor ! pediu a fadinha.

Mas a maripôsa foi esvoaçando cada vez mais perto da luz e quasi bateu na lâmpada. Então se afastou, como para atender às súplicas de Lael, e foi pousar de novo na arvore, onde Pim e Pom as esperavam, aterrados.

— Vamos levá-la para casa antes que ela renove a aventura, resolveu Pom.

Então reconduziram Arara bem depressa para Magiflóra. A' porta de casa Lael saltou da cavalgadura e disse :

— Arara, muito obrigadinha pelo passeio. Felizmente evitámos que você queimasse suas asas tão lindas. Tome mais cuidado, sim. E agora, quer passar a noite conosco ?

Arara não estava com vontade de entrar na casa ; porisso Pim e Pom levaram ao alpendre a cama de hóspedes para ela. Arara deitou-se logo, desejando aos tres amiguinhos boa-noite.



A Justiça do Sheik

Certa manhã partí de Aintal, Siria, rumo a Bagdad, via Mesopotamia, com o árabe sheik Mahmoud Ibn Moosa, possuidor de uma caravana de uns noventa camelos. O barbado sheik cavalgava um burro branco, grande, que ele tratava com grande consideração e respeito.

Ocupavam a mesma tenda à noite e raramente estavam separados durante o dia. Os dezenove homens da caravana eram ignorantes filhos do deserto. Tinham por unica lei as ordens do chefe, de cujas mãos recebiam sem questionar a recompensa ou o castigo.

Eu trazia comigo cerca de oitenta liras de ouro numa sacóla de couro que guardava à noite em minha tenda. Todas as manhãs tomava o cuidado de verificar se a bolsa do dinheiro estava lá. Na manhã do nono dia, para minha consternação, dei pela falta dela.

Procurei imediatamente Ibn Moosa.

— Mahmoud Ibn Moosa, comecei, por oito dias tenho sido seu hóspede e sinceramente exprimo gratidão pela sua hospitalidade principesca.

Ibn Moosa bateu a mão no peito, curvou-se muito e retrucou :

— Oferecer hospitalidade é para um árabe o mais sublime prazer.

— Contrista-me, prossegui eu, ser compelido a dizer que uma sombra veiu toldar o sol da minha alegria, e como hóspede devo revelá-la a meu hospedeiro.



Contei-lhe da minha perda. Ele me fez varias perguntas, depois sentou-se em silencio, cofiando a barba. Por fim disse :

— Vamos ficar acampados hoje. Algumas selas precisam ser reparadas e dois ou tres dos burros perderam as suas ferraduras. Antes do pôr do sol terá seu ouro. Inshalla ! Vá em paz.

Uma hora depois vi o chefe da caravana errar longe do acampamento, sózinho. Depois do meio dia êle voltou. Deu ordens para não ser perturbado e fechou-se na sua tenda. Comecei a ficar inquieto acerca do meu dinheiro : o unico homem que poderia rehavê-lo estava dormindo ! Tres horas mais tarde êle saiu e ordenou que lhe servissem o jantar. Então comecei a suspeitar do proprio chefe.

Mas, terminada a refeição, o velho sheik, vestido com os seus mais brilhantes trajes, saiu devagar da tenda e subiu no monte de fardos, no centro do acampamento. Sentou-se no alto dêle, convidou-me a tomar lugar ao seu lado. Então ordenou com voz autoritaria :

— Os homens reunidos !

Quando todos se agruparam em volta do trono, o sheik com proposito deliberado examinou de alto a baixo aquela fila de rostos imperturbaveis, que tinham os olhos fixos nele. Isso durou pelo menos cinco minutos, até eu me sentir como na obrigação de fazer qualquer coisa para quebrar aquele silencio pesado. Notei que os homens estavam como que hipnotizados ; nem um musculo se movia, nem um olhar se desviava. Ao fim da silenciosa inspecção, o sheik principiou a falar pausadamente :

— Meu nome foi hoje deshonrado diante deste howadji (viajante) e diante de Allah. O roubo é um crime tremendo, detestado por Deus e pelo homem; mas quando alguem rouba seu hospede, ele é sete vezes amaldiçoado. Este howadji confiou-se a mim. Ele foi roubado entre os meus homens. Como nenhum estranho se aproximou do acampamento, o ladrão está diante de mim. Sem pejo como Satan ele aqui se encontra e pensa dissimular seu crime.

Nesse ponto o sheik prorrompeu em imprecações. Declarou que punição alguma seria suficientemente severa para o crimi-

noso ; que Deus mesmo velava sua face quando baixava o olhar sobre aquela caravana que contava entre seus homens tão detestavel pecador. Ele descreveu Allah exigindo dele o aniquilamento do réu e restituição do ouro. Sua voz elevava-se à medida que falava, mas de repente fez uma pausa e então prosseguiu em tom calmo :

— Meu burro branco que se acha acolá, na tenda, é descendente direto de Albarak, a criatura cor de leite na qual Mahomet cavalgou de Jerusalém aos sete céus. Ele tem uma apurada intuição profética e nunca deixa de revelar a verdade divina. O espirito do grande Mahomet habita nele e o utiliza para tornar conhecida a vontade de Allah. Ele irá agora contar-me quem cometeu este crime terrivel. O burro não pode expressar-se na nossa linguagem visto que sua garganta é a de um burro; mas o seu espirito é o espirito de um deus. Porisso, na sua propria linguagem apontará o réu. Ordeno que cada um de vós vá por sua vez à minha tenda, fechando-a de modo a ficar só sob as vistas do burro e de Allah. Puxe então o rabo do burro. Quando mão inocente tocar o seu rabo ele ficará silencioso, mas quando a mão do ladrão alcançá-lo, logo zurrará. Será esse o seu aviso e nós agarraremos o criminoso e o mataremos sem misericordia.

O ultimo homem da fila, ordenado a ir em primeiro lugar, levantou-se solenemente, fechou-se na tenda, demorou-se alguns segundos e voltou para o seu lugar. O sheik fez sinal para o segundo e depois para o terceiro homem. Seria dificil julgar quem estava mais impressionado, se os homens ou eu. Fiz-me todo ouvidos para o esperado zurro, temendo o castigo que certamente teria de presenciar. Doze homens entraram e voltaram, sem se produzir som algum. E foram treze, quatorze, quinze, dezeseis homens; só restavam tres. Minha aflição aumentou. Dezesete, dezoito, e então o ultimo homem pôs-se a caminho. O momento era decisivo ou o expediente tinha falhado. O decimo nono homem entrou e saiu no máximo silencio. Tinhamos confiado nossa causa a um burro e ele nos logr彼ra.

Mas Mahmoud Ibn Moosa disse-me tranquilamente :

— Guarde silencio ; vai tudo bem.

Os homens estavam agora sentados diante dêle na ordem anterior.

— De pé ! ordenou o sheik. Erguei as mãos na frente, com as palmas para cima.

Todos obedeceram. Ibn Moosa desceu do pedestal e, dirigindo-se para o homem que tinha entrado primeiro na tenda, deitou o rosto nas palmas das mãos estendidas. Ficou nessa posição talvez uns cinco segundos e então repetiu o processo com o outro homem. Eu estava perplexo ao extremo. Ele chegou ao duodécimo homem, deitou o rosto entre as palmas das mãos e então, num pulo rápido para trás, desembainhou a espada e exclamou :

— Tu, cão imundo de um ladrão, vai buscar o ouro já, se não queres que te estripe aqui mesmo !

O homem rojou-se ao chão, pedindo misericordia, depois ergueu-se de um salto, correu para fóra do circulo de camelos, removeu uma pedra chata, tirou um pouco de areia solta, e voltou com minha bolsa de lona.

— Dá ao howadji !

A bolsa foi posta em minhas mãos ; o dinheiro estava intacto. Então dois homens tiveram ordem de fustigar o ladrão. Depois de alguns açoites não muito fortes, intercedi por êle, que foi então perdoado. O sheik foi para sua tenda e o conselho dissolveu-se.

Feliz por rehaver meu dinheiro, estava contudo ansioso por saber como tinha sido descoberto o ladrão. Não conseguia formular uma hipótese que se prestasse para o caso.

Quando nos pusémos a caminho no dia seguinte, sem demora pedi ao sheik que me explicasse aquilo. Ele me olhou com expressão cómica e disse :

— Não contes aos meus homens, mas eu passei solução de hortelã no rabo do burro e deixei que secasse. Todos puxaram o rabo, menos o ladrão. Só a mão dele não estava cheirando a hortelã.

— Mashalla ! repliquei eu.



apesar dos pesares

UM OPERARIO QUE CONSTRUIU A SUA VIDA

Sete dias antes do Natal de 1851, nasceu em Mansfield, Nottingham, na Inglaterra, um menino a que chamaram James Flanaghan. Ele estava destinado a levar uma vida em extremo dura por varios anos. O pai da criança era Patrick Flanaghan, de nacionalidade irlandêsa. Em condições normais, Patrick era bom marido e pai, mas, embriagado — o que sucedia frequentemente — agia como um animal. Ao som de seus passos vacilantes pela escada, a esposa e as crianças preparavam-se para tudo.

Muitas vezes a pouca mobilia que havia na casa ficava reduzida a pedaços, no acesso de fúria do bêbado, que enxotava de casa a familia.

Mãe e filhos vagueavam então pelas ruas, até que alguem se apiedasse deles e os recolhesse.

Alguns anos depois, James foi trabalhar com o pai numa fabrica de cachimbos. Patrick Flanaghan era o forneiro e tinha habilidade na queima dos moldes de barro. James ficava em pé modelando cachimbos em barro. Era um trabalho duro para o menino, a quem pagavam só dois mil réis por dia.

O pai contrariou-se com tão pequeno ordenado e pô-lo a trabalhar em uma mina de carvão.

A professora de James na Escola Dominical deu-lhe um casaco de proporções enormes. Sua mãe chorou ao vê-lo, pois estava tão ridiculo, mas James era criança demais para afligir-se com a figura que fazia e ficou muito satisfeito por ter um casaco que o resguardava do frio.

Os homens com quem o menino trabalhava na mina atormentavam-no ou rogavam-lhe pragas, conforme o seu humor. Eram muito rudes e costumavam usar linguagem grosseira. Na hora das refeições o menino mastigava seu pão com queijo e ouvia historias que tinham sido contadas no botequim, a noite anterior.

Logo êle foi levado ao botequim com outros rapazes de sua idade. Lá cantou o que ouvira em teatros, e sua memoria era tal que podia reproduzir cênas inteiras. Tinha uma voz doce, que os bêbados ouviam com admiração e agrado. Isso lhe valeu muitos elogios, especialmente por parte dos donos do botequim, aos quais interessava ter alguem que atraísse os amigos de bebidas.

Influenciado por um obreiro da Escola Dominical, chamado Parker, James foi induzido a assistir a um serviço religioso numa igreja Metodista. Sentou-se muito reverente durante a cerimonia, se bem que tudo lhe parecesse bastante estranho e muito daquilo escapasse à sua compreensão. Mas quando, terminado o culto, um homem, tomando a sua mão, lhe disse: "Deus o abençôe, meu irmão," êle ficou profundamente emocionado e encheram-se-lhe os olhos de lagrimas. Não estava acostumado a esse modo de falar. E foi a bondade daquela gente que o levou a voltar à igreja. Seu espirito foi então profundamente influenciado para o bem, ainda que ele não tivesse noção exata do que podia fazer. Estava cercado de más companhias e não ignorava quão dificil seria livrar-se delas. Contudo, em uma manhã de domingo, quando ouvia na igreja um ardente sermão, inclinou a cabeça e entregou-se a Deus. Estava marcada uma nova etapa na vida de James Flanaghan.

Ele tinha então dezesseis anos, mas não recebera instrução alguma. Não sabia escrever o seu proprio nome e nem mesmo distinguir as letras do alfabeto. Não frequentara escola um unico dia; praticamente os seus conhecimentos limitavam-se aos ditos vulgares que ouvira na mina e nos botequins. Mas desde então começou a se instruir e, grande como já era, comprou uma cartilha, estudou todas as letras, entregando-se depois às primeiras leituras. Muitas vezes ao voltar da mina, embora cansado, punha-se a estudar até depois da meia noite, procurando remir os anos perdidos.

Esforçou-se muito e fez bom progresso. Logo que ficou capaz de soletrar, empenhou-se em decorar o Salmo 103. Custou-lhe aprendê-lo inteiro porque só podia decorar alguns versiculos por vez. Conseguiu-o, porém, e esse belo salmo povoava sua mente de elevados pensamentos durante as horas que passava na mina. Pouco tempo depois, havendo necessidade de professores na Escola Dominical, ele ofereceu seus serviços. Deram-lhe

a principio a classe primaria, pois devido a sua pouca instrução não podia ensinar alunos mais adiantados; mas à medida que se ia instruindo, passava a outras, e poucos anos depois foi nomeado superintendente da Escola Dominical.

Havia um grupo de homens piedosos naquela igreja que, como Flanaghan, trabalhavam duramente toda a semana ; mas aos domingos cada um prègava em pequenas igrejas e congregações do distrito, ou ao ar livre. James se lhes associou, e ainda que suas primeiras orações em publico e breves exortações fossem hesitantes e uma fonte de ansiedade para êle, progrediu rapidamente e logo todas as igrejas vizinhas queriam vê-lo ocupando o seu pulpito. Mineiros que o tinham conhecido por varios anos não podiam compreender como se educara tão rapidamente. Sabiam que ele não passára um dia sequer na escola e que até aos dezesseis anos fora analfabeto. Entretanto, agora podia ler capitulos inteiros da Biblia em publico e prègar sermões pelos quais demonstrava ter conhecimento de outras leituras. Trabalhava ainda quatorze horas por dia na mina, pelo que era muito restrito o tempo que tinha para ler, mas nunca perdia um momento. Sua perseverança e ardor, auxiliados por uma excelente memoria, depressa o tornaram tão bom prègador como qualquer homem culto.

Foi então que o convidaram para fazer uma série de conferencias na cidade de Long Clawson. Estas foram tão apreciadas que êle teve de se comprometer a dirigir serviços religiosos naquele distrito pelo espaço de seis mêses. Sem duvida isso importava no abandono do trabalho da mina e em mudança da familia. A novidade logo se espalhou pela aldeia onde morava e toda gente veiu à sua casa desejar-lhe, e à esposa e filhos, inteira felicidade. Sua conversão e o extraordinario progresso que fizera em educação foram largamente comentados e interessaram a todos vivamente. Subindo numa cadeira, a multidão cercou-o. James falou-lhes de sua conversão e fez uma pequena exortação. Depois despediu-se com palavras afetuosas. Todos estavam comovidos e poucos olhos enxutos.

Por quatro anos James Flanaghan empenhou-se no trabalho de evangelização, fazendo visitas, que variavam de dez dias a quatro semanas, a muitos pontos do país. Sempre que lhe sobrava meia hora, gastava-a lendo. Sabia que tinha de ganhar muito terreno e que não o poderia fazer se não trabalhasse com afinco. Sua leitura cuidadosa logo transparecia nos sermões e palestras. Não sòmente eram suas orações em público cheias de ardor, mas tambem profundas, pelo que as pessoas que o tinham conhecido antes consideravam seu progresso um verdadeiro milagre.

James Flanaghan foi então nomeado missionario da cidade de Nottingham. Durante o tempo em que lá residiu, tornou-se largamente conhecido e muito amado. No amplo salão das missões ele dirigiu a sua palavra calorosa a grandes auditorios. O recinto, que comportava duas mil pessoas, por vezes regorgitava de povo. Uma organização de homens foi fundada com mais de dois mil membros, cuja influencia benefica se fez sentir por toda a cidade de Nottingham. Quando chegou o tempo de deixar a cidade, êle levou consigo os protestos de estima de todos.

Em 1891, aos quarenta anos, James Flanaghan tornou-se ministro da Igreja Metodista. Era um caso bastante invulgar, visto como nunca frequentara um colégio nem fizera curso regular, mas seu trabalho já mostrára que era um verdadeiro servo de Deus, capacitado para a obra, e nunca prejudicaria o ministerio, porque mais de vinte anos de estudo contínuo tinham feito dêle um homem instruido.

Seu primeiro posto, depois da ordenação, foi na igreja de Trinity Street, de Londres. Lá encontrou uma grande igreja, quasi vazia, se bem que cercada por vasta população de gente muito pobre. O primeiro domingo não foi de molde a encorajar. De manhã compareceram apenas trinta e seis pessoas e à noite trinta e sete. Mas James Flanagham tinha encarado dificuldades toda sua vida e elas já lhe eram familiares. Desde o tempo em que, quando criança, tinha que vaguear pelas ruas com a pobre mãe, até quando tomou a direção da igreja grande e vazia de Londres, sua vida fôra uma luta amarga e penosa ; mas as tempestades tornam os marinheiros de têmpera rija, e Flanaghan tinha espirito intrépido.

Quanto mais conhecia o distrito em volta da sua igreja, mais se inteirava da necessidade da obra cristã ali. Havia dezenas de botequins de baixa classe e as pensões eram pouco melhores que covís de animais ; em uma tinham-se dado treze assassinatos. Flanaghan foi sensivel ao apelo que lhe fazia toda aquela miseria e entregou-se ao trabalho

mais que nunca na sua vida, se isso era possivel. Logo se encheu o grande edificio. Esplendidas reuniões, cheias de entusiasmo, realizaram-se durante a semana e centenas de rapazes distrairam-se pela primeira vez jogando no **salão de ginastica** da igreja.

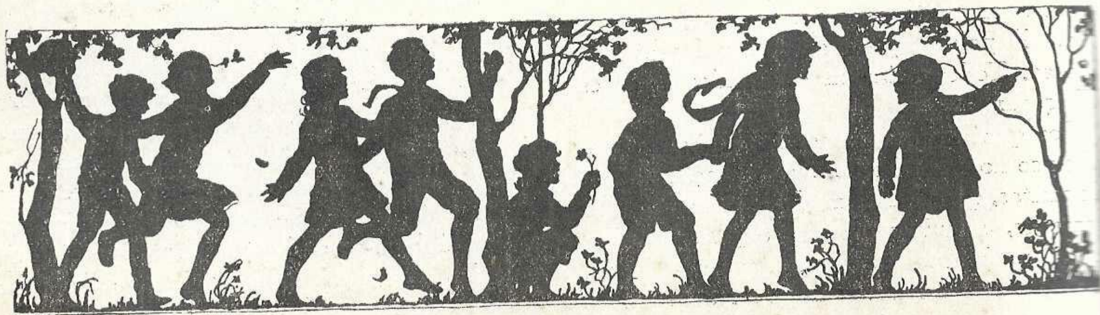
Breve o predio que tinha parecido tão grande e vazio, a principio, era pequeno demais para conter todo o povo que a ele acorria. Que fazer? A gente do distrito certamente não poderia levantar dinheiro para aumentar o predio; porisso decidiu-se que o Snr. Flanaghan visitasse varias cidades durante a semana e por conferencias e prègações levantasse dinheiro suficiente para construções mais adequadas. Em menos de dois anos o Snr. Flanaghan conseguiu a soma de quatro mil libras, iniciando-se então os trabalhos.

Por esse tempo o nome de James Flanaghan já era conhecido por toda a Inglaterra. Bastava o seu nome num cartaz para que uma igreja ou salão se enchesse. Sob o mágico efeito de suas palavras as pessoas se tornavam generosas nas ofertas aos necessitados. As crianças pobres levavam seus tostões para a compra de um tijolo para o edificio novo. Um homem que não tinha dinheiro depositou o relogio e corrente no prato da coleta, enquanto que outro trouxe uma galinha e insistiu em que fosse vendida e o dinheiro utilizado para os fins que o prègador desejava.

O novo edificio foi oficialmente inaugurado aos 4 de Janeiro de 1900, e é conhecido como "St. George's Hall". E' ele de esplendido acabamento e, desde o dia em que se abriu até hoje, tem sido fonte de bênçãos para milhares de pessoas, nessa zona super-lotada de Londres chamada Bermondsey.

A reputação de James Flanaghan espalhou-se além-mares e em 1908 ele foi convidado a visitar a Australia e a Nova Zelandia. Foi muito bem recebido na Nova-Zelandia por fieis de todas as denominações. Tomaram-se providencias para que houvesse grandes reuniões, mas na maioria das vezes os recintos em que essas se davam eram pequenos demais. Por muitos anos nenhum visitante àquele país impressionou tão favoravelmente o povo. Sua eloquencia encantava os ouvintes. Quem dentre os que assim lhe admiravam a cultura e belo estilo suporia que aquele homem nunca frequentara uma escola em sua vida? Lord Plunkett, o governador de Nova Zelandia, tinha grande admiração ao Snr. Flanaghan, que dêle recebeu muitas atenções. Sir J. C. Ward, o primeiro ministro, fê-lo hospede de honra do parlamento. Onde quer que fosse, seu porte digno e fina cultura davam dele excelente impressão. Ao partir recebeu os agradecimentos de todas as igrejas cristãs. Recepção semelhante foi-lhe prestada na Australia, onde esteve por algum tempo como hospede do Lord Primeiro Juiz. Flanaghan voltou a trabalhar na Inglaterra e ainda achou tempo para escrever varios livros que tiveram grande circulação e prestaram muitos beneficios. Tantas eram as solicitações para prègar que apenas uma pequena porcentagem delas podia ser atendida. Sua vida foi afanosa e prestativa.

Adoeceu em 1914, tendo que se retirar do trabalho atívo um ano mais tarde. Foi uma grande provação para quem amava tanto o seu serviço. As forças de Flanaghan decresceram gradualmente e êle faleceu aos 30 de Março de 1918, deixando pesarosos milhares de corações. Membros do parlamento britanico, magistrados, vereadores e conselheiros de Londres e das provincias assistiram com a familia enlutada à cerimonia fúnebre na igreja e depositaram flores sobre sua sepultura. Todos tinham empenho em honrar a memoria de quem, apesar de circunstancias muitissimo dificultosas, fizera de sua vida uma bênção para multidões.





1. Completar : *Aquele que encobre as suas transgressões, não prosperará...* ?
2. Quem fez o célebre violino *Beatrice* ?
3. Quem escreveu *O Navio Negreiro* ?
4. Que rio da Europa atravessa sete países ?
5. Quantos musculos tem o corpo humano ?
6. Qual é o nome todo de D. Pedro II ?
7. A quem substituiu Castro Nery na Academia Paulista de Letras ?
8. Porque se conserva uma lâmpada elétrica acesa pertinho de um piano à beira mar ?
9. Se foi violinista Ludwig von Beethoven ?
10. Que idade tem a torre inclinada de Pisa ?
11. Quanto recebeu Cristovam Colombo por sua descoberta da America ?
12. De quantas partes consta um violino ?
13. Qual o país que tem o menor selo do mundo ?
14. Qual é a população da America do Sul ?
15. Qual é a substancia mais leve que se conhece ?

Respostas às perguntas de Agosto :

1) *Guarda-a, porque ela é a tua vida.*
2) Caledonia.
3) (1) Delhi (2) Moscow (3) Canberra.
4) Fidípides.
5) Roma, fundada em 750 A. C.
6) Italia — quando foi dividida em nove partes, distribuidas entre as potencias européias.
7) O livro dos *Salmos* — tem 150 divisões.
8) Sacarina.
9) *Onde canta o sabiá.*
10) Yang-Tse.
11) Poder hidráulico nas quedas naturais — grande riqueza do Brasil.
12) O Pacifico.
13) No Egito.
14) (1) Camelos. (2) Bois. (3) Cães. (4) Llamas. (5) Sampans. (6) Jinrikishas.
15) Detroit, nos Estados Unidos da America.

OFERTORIO

Margaret Coote Brown.

1. Tlim - tlim - tlim ! Can - tam mo - e - di - nhas, tlim - tlim - tlim,
2. Tlim - tlim - tlim ! Sem - pre re - ce - be - mos. Tlim - tlim - tlim,

que dão cri - an - ci - nhas, tlim - tlim - tlim, com mui - ta a - le - gri - a
tan - tas coi - sas te - mos, tlim - tlim - tlim, va - mos, pois, a - go - ra

pa - ra o nos - so Deus, Tlim - tlim - tlim, Deus es - tá pe - din - do
nos-sa o - fer - ta pôr. Tlim - tlim - tlim, que a - le - gre rui - do,

tlim - tlim - tlim, com a - mor in - fin - do. Tlim - tlim - tlim,
tlim - tlim - tlim, che-ga ao nos-so ouvi - do. Tlim - tlim - tlim,

são as mo - e - di - nhas pa - ra o Pai dos Céus.
o te - sou - ro nos - so é só teu, Se - nhor.